

Teatro

MÚSICA DE ANDREW LLOYD WEBBER
LETRA DE TIM RICE

EVITA

PARQUE
MAYER



ENCENAÇÃO DE
PAULO SOUSA COSTA

Capitório

Datas

27 março – 28 junho 2026
quinta a sábado, 21h
sábado e domingo, 16h e 21h

Classificação etária

M/12

Duração

120 minutos

Sessões com Audiodescrição

30 de abril, 24 de maio às 16h,
20 de junho às 21h e 21 de junho
às 16h

Produção

Yellow Star Company

Música

Andrew Lloyd Webber

Letra

Tim Rice

Encenação

Paulo Sousa Costa

Assistência de encenação

João Vilas

Direção Musical

Carolina Puntel

Coreografia

Mariana Luís e Pedro Borrhalho

Assistência de coreografia

Kkappa

Direção de arte e cenografia

Fred Klaus

Figurinos

Sofia Lima

Aderecista

Carolina Almeida

Figurinos Eva Péron

– Sofia Escobar

Tony Miranda

Cartaz, criativo e voz off

Pedro Matias Maria

Interpretação

André Lourenço, Beatriz Lema,
Diogo Morgado, Diogo
de Carvalho, Diogo Pinto,
Eliseu Ferreira, Inês Martins,
João Maria Reis, José Valente,
Maria Almeida, Maria Braga,
Mariana Marques Guedes,
Miguel Barroso, Miguel Sousa,
Rebeca Reinaldo, Ricardo Soler,
Sílvia Mirpuri e Sofia Escobar

EVITA

O musical Evita narra, em formato de ópera-rock, a ascensão e queda de Eva Perón, a carismática e controversa primeira-dama da Argentina.

Passado nas décadas de 1930 e 1940, a história acompanha a trajetória de Eva Duarte, uma jovem ambiciosa que sai do interior em busca de fama e fortuna em Buenos Aires. Determinada a vencer, Evita envolve-se com figuras influentes até conhecer Juan Perón, um oficial militar e político em ascensão. Casando-se com ele, Eva torna-se numa das figuras mais adoradas pelo povo, símbolo de esperança e progresso social, mas também odiada por muitos, alvo de críticas e acusada de manipulação política e sede de poder.

A história é narrada por Che, revolucionário céptico e uma espécie de consciência crítica, que observa e questiona as ações de Eva ao longo da sua vida.

Produção

Yellow Star Company

Direção Geral

Carla Matadinho

Direção Artística

Paulo Sousa Costa

Produção e produção executiva

Ricardo Dias

Direção Técnica

João Almeida

Desenho de Luz

João Oliveira

Comunicação

Carla Matadinho e Vera Claro

Assessoria de Imprensa

Teresa de Oliveira Martins

Fotógrafo

José Correia

Designer Gráfico

Vasco Lopes

Gestão de Redes Sociais

Pedro Cabacinha

Bilheteira

Cristina Marques, André Susano
e Bárbara do Carmo

PRODUÇÃO

PRODUÇÃO
YELLOW
STAR
COMPANY®

PARCEIROS OFICIAIS

LISBOA CULTURA
CAPITÓLIO

MEDIA PARTNERS

m3 RADIO
tvi

PARCEIROS INSTITUCIONAIS



A FÁBULA DA "RAINHA DOS DESCAMISADOS"

O musical (ou a ópera, como foi identificado) EVITA, é muito mais do que um marco no panorama mundial dos espetáculos. É uma verdadeira ode a uma sociedade de “descamisados” (o povo), sedento de um líder que lhes desse o “colo” que tanto precisavam, numa época em que a Argentina passava de um país com uma das maiores reservas de ouro do mundo, para uma sociedade com convulsões sociais bastante comprometedoras, onde a fome e os conflitos internos começaram a imperar, e nem mesmo a mãe natureza ajudou, com um terramoto que dizimou e destruiu milhares de lares e de vidas.

Como se de uma fábula se tratasse, ou típico de um argumento de Hollywood, emerge do povo, uma figura que irá marcar para sempre uma nação, a Santa Regina, melhor dizendo, Eva Duarte, mais tarde eternizada como Eva Perón, ou seja, a polémica EVITA.

Mas EVITA não só marcou o “peronismo” argentino, como também deixou uma marca inapagável no panorama artístico mundial. Falar de teatro musical sem mencionar EVITA seria um sacrilégio. E foram os eternos “magos” Andrew Lloyd Webber e Tim Rice, acabados de sair do não menos ultra-sucesso Jesus Cristo Super Star, que deram luz à “Rainha dos Descamisados”.

Encenar um projeto desta envergadura, com tudo o que tem de histórico, é muito mais do que um grande desafio, é um enorme privilégio! Poder dar palco a esta mítica figura, desta feita cantada na língua de Camões, num local místico como é o Parque Mayer, é um sonho tornado realidade.

E é caso para dizer, “Não chores por mim Argentina”, que eu estou como quero!

— Paulo Sousa Costa

"ESPERO QUE AS PESSOAS CONSIGAM VER PARA ALÉM DAS IDEIAS PRÉ-DEFINIDAS E ENCONTREM A HUMANIDADE DE EVITA. QUE VEJAM UMA MULHER CHEIA DE LUZ E DE SOMBRAS, DE CONTRADIÇÕES, DE PAIXÃO."

Há quem diga que Evita construiu cuidadosamente a sua história. Como se interpreta uma mulher que também foi autora da própria lenda?

Para mim, isso é precisamente o que torna Evita tão fascinante. Ela teve uma consciência muito forte de quem queria ser e do lugar que queria ocupar no mundo. Vinda de um contexto muito humilde, percebeu que a única forma de mudar o seu destino era, de certa forma, reinventar-se. Eu sinto muita empatia por essa força e essa urgência de existir, de ser vista, de deixar uma marca. Em palco tento encontrar esse lugar entre a mulher que sonhava, que lutava, que tinha fragilidades muito humanas... e a figura quase mítica que ela própria ajudou a criar. No fundo, é uma mulher que escreveu a sua própria história num mundo que raramente permitia às mulheres fazê-lo.

Apesar de seres muito acarinhada pelo público português, trabalhas muito no estrangeiro. Como está a ser a preparação para regressar aos palcos portugueses?

Regressar a cantar em Portugal tem sempre algo de muito emocional para mim. É casa. É onde a minha história começou. Trabalhar fora dá-me muito, novas equipas, novas formas de trabalhar, novos públicos, mas há uma ligação muito especial quando canto para o público português. Sinto que me conhecem de outra maneira, que partilhamos algo mais profundo. A preparação para este regresso tem sido muito intensa, porque Evita é um papel enorme, física e emocionalmente. Mas também tem sido muito bonito sentir que volto a casa com mais experiência, mais maturidade e talvez uma nova camada artística para oferecer.

Uma vez que esta é a tua primeira vez a interpretar a Evita, em que momento dos ensaios percebeste quem era a tua Evita?

Curiosamente, não foi um momento único. Foi acontecendo aos poucos. No início estamos muito dentro da música, da técnica, das cenas... e depois há um instante em que a personagem começa a respirar dentro de nós. Para mim aconteceu quando comecei a sentir a vulnerabilidade dela, quando percebi que por trás da ambição enorme existia também uma mulher com medo de voltar a ser invisível. Nesse momento senti que a minha Evita começou a aparecer. Uma Evita muito

movida por essa necessidade quase visceral de viver intensamente e de não passar despercebida pelo mundo.

O público vai chegar ao Capitólio com uma imagem pré-concebida de Evita. O que esperas que eles questionem depois de ver o espetáculo?

Gostava muito que o público saísse do teatro com mais perguntas do que respostas. Evita é uma figura que desperta opiniões muito fortes, para alguns é uma heroína, para outros é profundamente controversa. O que eu espero é que, durante o espetáculo, as pessoas consigam ver para além dessas ideias pré-definidas e encontrem a humanidade dela. Que vejam uma mulher cheia de luz e de sombras, de contradições, de paixão. Porque acho que é nesse lugar, onde as figuras históricas deixam de ser apenas símbolos e passam a ser profundamente humanas, que o teatro se torna mais poderoso.



SOBRE A HISTÓRIA DO MUSICAL

Evita estreou originalmente no Prince Edward Theatre, em Londres, a 21 de junho de 1978, com Elaine Paige no papel de Eva Perón, conquistando grande aclamação da crítica e do público, tendo recebido o Laurence Olivier Award pela sua interpretação.

Um ano depois, a produção chegou à Broadway, no Broadway Theatre, a 25 de setembro de 1979, protagonizada por Patti LuPone, que viria a receber o Tony Award pela sua interpretação.

Desde então, o papel de Evita foi desempenhado por várias atrizes de renome, incluindo Madonna, que o imortalizou na adaptação cinematográfica de 1996, e Elena Roger, estrela da reposição londrina de 2006 e da produção da Broadway em 2012.

Esta continua a ser uma história que encanta públicos de todas as gerações e a subir aos mais variados palcos por todo o mundo, chegando agora ao do Capitólio, em Lisboa, com produção da Yellow Star Company.

Teatro Variedades

&

Capitólio

Direção

Joaquim René

Adjunta de direção

Ana Barbosa

Direção de Comunicação

Rita Rodrigues

Direção de Produção

Bruno Reis

Direção Técnica e de Cena

Filipe Silva

Adjunta para Direção

Técnica e de Cena

Rita Benito Monteiro

Adjunto para Direção

Técnica e de Cena

João Moreira

Comunicação

Margarida Rocha Oliveira

Mónica Martins

Produção

Tiago Antunes

Tiago Oliveira

Gestão de bilheteiras e de públicos

Sérgio Guimarães

Gestão de Públicos

Ana Sofia Fernandes

Joana Dias

Téo Pitella

Bilheteira

Beatriz Lopes

Sara Martins

Miguel Lopes

Camareira

Inês Oliveira

Cena

Eliana Lima

João Veloso

Madalena Venâncio

Sara Cipriano

Luz/Palco

Bento Silva

Bruno Bacanhim

Daniel Polho

Hugo Cochat

Saulo Silva

Som/Vídeo

André Cavalheiro

Pedro Baptista

Sérgio Rodrigues

Manutenção e Segurança

Pedro Santos

Design

V-A Studio

Fotografia

Estelle Valente e José Frade

Vídeo

Duarte Lapa

Bilheteira

Horário: segunda a sábado
das 17h às 20h e domingo
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo
permanece aberta até
30 minutos após o seu início.

T. 210 523 631 / 210 523 632
bilheteira@capitolio.pt
WhatsApp: 924 476 542

Como chegar

Metro: Linha Azul | Estação Avenida
Comboio: Linha Sintra e Linha
Azambuja | Estação Restauradores
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744,
207, 19B
Gira: Estação 304
(junto ao Cinema São Jorge)

Acessibilidade

Para mais informações sobre
a acessibilidade dos espaços,
por favor, contacte o Capitólio:
info@capitolio.pt

Contactos

Geral: T. 210 523 630
info@capitolio.pt
www.teatrovariedades-capitolio.pt

Localização

Parque Mayer, 1250-164 Lisboa